

Reabilitar a reabilitação

A preservação do património arquitectónico é uma questão essencial na tomada de consciência da própria identidade dos povos. Já que esse património, seja monumental ou não, é a melhor e mais eficaz forma de contar e compreender a história da sociedade e dos homens.

Para essa preservação é necessário, em primeiro lugar, bem usar o património e, depois, entender que as construções, como os indivíduos, envelhecem, adoecem e até morrem, por processos naturais e outros, para os quais é urgente encontrar soluções, caminhos de saída.

Conservar e reabilitar fazem, assim, parte integrante de um léxico que se vai banalizando, à medida que se interioriza a necessidade cultural, histórica e económica de garantir a transmissão do património a gerações futuras, o mais possível em condições de ser usado e vivido com dignidade, garantindo aos seus utilizadores segurança, funcionalidade e conforto.

Conservar e reabilitar são atitudes e actos que implicam conhecimentos especializados e são, porventura, as tarefas mais delicadas e exigentes que donos de obra, projectistas, construtores e fiscalizações enfrentam, no âmbito da actividade da construção.

As dificuldades são facilmente compreensíveis; actuar sobre uma construção existente implica muito mais do que conceber, projectar e executar uma construção nova.

A primeira, e porventura a maior dificuldade deriva da necessidade de conhecer bem as características da construção e de segurança. Ou seja, impõe-se a realização prévia de um estudo de diagnóstico, em que se detectam e identificam as características do edificado (materiais aplicados, soluções construtivas usadas, levantamentos geométricos e arquitectónicos) e, em simultâneo, se faz o registo e identificação de anomalias (fendilhações, deformações, desagregações, empolamentos, etc.) e, talvez recorrendo a meios complementares de diagnóstico, chega-se quando possível, à identificação das causas directas e indirectas das anomalias. É com esse conjunto de acções e de atitudes que se atinge o diagnóstico da situação,

terminando este trabalho com o conhecimento profundo do edificado que se visa intervir.

Este processo, frequentemente ignorado, é essencial, e na sua falta reside uma das principais causas do malogro das operações de conservação e de reabilitação.

Um segundo nível de dificuldades, levemente aflorado antes, tem a ver também com o conhecimento necessário do edificado e das características mecânicas, físicas e químicas dos materiais, elementos e componentes que o constituem.

Esse conhecimento é essencial para que possa ser equacionado, com equilíbrio e com rigor, o tipo de materiais e de soluções a adoptar nas operações de conservação e de reabilitação, assegurando-se a compatibilidade entre o novo e o velho, essencial ao bom comportamento futuro de materiais distintos em contacto.

Isto significa que aos técnicos que intervêm nestes processos se exige que



Formação de empolamentos e destruição de rebocos por aplicação do sistema de pintura impermeável ao vapor em obra de reabilitação.

conheçam os materiais e tecnologias usadas nas edificações antigas, ao mesmo tempo que precisam de conhecer com o mesmo rigor e profundidade os materiais e tecnologias que podem e devem utilizar e, ainda mais, têm de conhecer soluções tradicionais ou arcaicas, soluções correntes e até inovadoras, cada qual com o seu lugar nos trabalhos de conservação e de reabilitação.

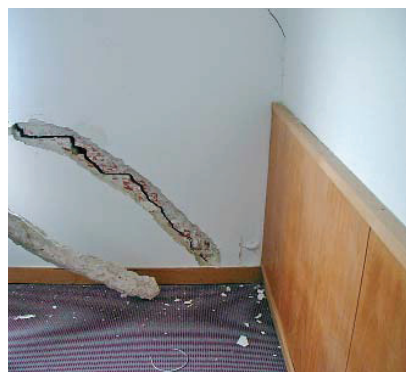
Pelo que se expôs fica evidente a necessidade de conseguir um equilíbrio, que quase pode parecer contraditório e inevitável, entre o conhecimento generalista que é típico da construção antiga (quando os arquitectos e engenheiros eram basicamente construtores) e o conhecimento especializado, que é característico, por exemplo, do domínio dos problemas complexos de compatibilidade entre materiais tradicionais e inovadores.

Essas dificuldades que não são só aparentes, pelo contrário, demonstram-se, evidenciam-se, pela história dos insucessos das operações de conservação e de reabilitação, que revelam a ausência ou a fragilidade dos estudos de diagnóstico e que denunciam as deficiências de conhecimentos, tanto na área no domínio dos materiais e técnicas modernas, nas suas relações com as anteriores.

Situações práticas em que a falta de preparação e de conhecimentos de projectistas e construtores se evidenciam são, por exemplo, as que se relacionam com operações de refechamento de fendas mal sucedidas, em que as fendas reabrem mais ou menos rapidamente. Duas razões frequentes explicam este tipo de insucesso: I) um diagnóstico impreciso define erradamente a fendilhação como estabilizada, ou identifica incorrectamente uma causa que não é, portanto, eliminada; mal interpretado o fenómeno, o insucesso é inevitável, mesmo que se usem materiais e técnicas aparentemente qualificadas, mas que apenas conseguem remediar temporariamente a anomalia e não a sua causa; II) o conhecimento insuficiente sobre os materiais de injeção e de refechamento ou conduz à contaminação indesejável dos materiais velhos por componentes dos que são aplicados com função curativa; estão neste caso as argamassas correntes de cimento e areia, muito fortes



Manchas em paredes reparadas e pintadas por incompatibilidade dos materiais aplicados.




Reabertura de fendas reparadas e abertura de novas fendas por efeito do prosseguimento de assentamento de fundações

mecanicamente e retrácteis, incompatíveis com alvenarias fracas como são as antigas, com ligantes à base de saibro e cal. Outro exemplo, entre muitos outros que poderiam escolher-se, diz respeito à substituição desregrada de rebocos, cujas anomalias são erradamente diagnosticadas e, por isso, são consideradas irrecuperáveis. A aplicação de novos rebocos, sobre paredes de alvenaria de pedra e ou de tijolo, com argamassas de cal e areia, à base de argamassas cimentícias, com preparação deficiente das bases de aplicação e, por vezes, em camadas de espessura excessiva, cria situações potenciais de retracção excessiva dos novos rebocos; esta provoca correntemente a fendilhação entre a argamassa aplicada e a base de aplicação (o toco da parede), o empolamento, a fractura e a desagregação dos rebocos.

A ignorância acerca do processo de “respiração” das paredes antigas, ou seja, da forma como se processam as trocas de humidade entre uma parede espessa de alvenaria ordinária e o ambiente exterior leva, com frequência à “reabilitação” dos sistemas de pintura à base de novos sistemas à base de tintas texturadas e de tintas “de membrana”, pouco permeáveis à água (o que é bom) e ao vapor de água (o que é mau), impedindo a transpiração da parede. Como consequência formam-se empolamentos nas superfícies pintadas; em função da capacidade de aderência da base aos rebocos e destes à pintura, o empolamento pode formar-se na interface tinta-reboco ou na interface reboco-parede, em ambos os casos com consequências desastrosas.

Os exemplos poderiam suceder-se e, além de problemas pontuais devidos a deficiências igualmente pontuais do processo de intervenção nas construções antigas, outros casos há em que todo o processo pode ser minado por sucessivos erros que obrigam, a curto prazo, à realização de campanhas de reabilitações integrais do edificado; o autor conhece várias situações deste tipo.

Por pudor não as refere. 

JOÃO APPLETON,
Engenheiro, A2P, Consult, Ld.ª.